
Aron Gurwitsch e os contextos da experiência

Aron Gurwitsch and the contexts of experience

DOI: 10.12957/ek.2025.88344

Brenda Cardoso Soares¹

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

brendacsoares@gmail.com

RESUMO

O objetivo geral do presente artigo é ressaltar o papel relevante, e muitas vezes negligenciado, de Aron Gurwitsch em discussões que atravessam a história da fenomenologia. Partiremos de 1929, ano em que Gurwitsch publica sua tese de doutorado, a qual, a partir de uma crítica à visão egológica de Edmund Husserl em *Ideias I*, amplia a noção de contexto experiencial (*Erlebnisumgebung*). Em seguida, mostraremos, que com base na relação figura-fundo da Teoria *Gestalt*, Gurwitsch introduz a noção de campo temático, um contexto intermediário em relação ao tema e horizonte que ajuda na constituição de sentido da experiência. Finalmente, explicitaremos a solução consequente da descrição de uma dinâmica cuja margem contextualiza e ao mesmo tempo acompanha todas as nossas experiências, garantindo unidade e identidade da consciência sem apelar para uma egologia de caráter externo, como propõe Husserl.

Palavras-chave

Aron Gurwitsch. Contexto. Campo. Margem. Edmund Husserl.

ABSTRACT

The overall objective of this paper is to highlight the relevant, and often overlooked, role of Aron Gurwitsch in discussions that span the history of phenomenology. We will begin in 1929, the year in which Gurwitsch published his doctoral thesis, which, based on a critique of Edmund Husserl's egological view in *Ideas I*, expands the notion of experiential context (*Erlebnisumgebung*). Next, we will show that, based on the figure-ground relationship in Gestalt theory, Gurwitsch introduces the notion of the thematic field, an intermediate context in relation to the theme and horizon that helps to constitute the meaning of experience. Finally, we will explain the solution that follows from the description of a dynamic whose margin contextualizes and at the same time accompanies all our experiences, ensuring the unity and identity of consciousness without appealing to an external egology, as proposed by Husserl.

Keywords

Aron Gurwitsch. Context. Field. Margin. Edmund Husserl.

¹ Mestre e doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo destacamos como Aron Gurwitsch, um nome ainda negligenciado na tradição fenomenológica, ressalta a importância do contexto experiencial (*Erlebnisumgebung*) na estrutura de nossas experiências. Em uma dupla abordagem, esse filósofo encontra na contextualização, a partir de relações internas provenientes da nossa experiência, alternativas descritivamente consequentes com o método fenomenológico. Mostraremos, por exemplo, que muito antes de Maurice Merleau-Ponty recorrer à *Gestalt* como recurso, Gurwitsch, já em 1929, utiliza a relação figura-fundo proveniente desta teoria como referência para um campo intermediário que antecede o horizonte como contexto e contribui para a construção de sentido das nossas experiências. Além disso, explicitaremos a solução consequente da descrição de uma dinâmica cuja margem contextualiza e ao mesmo tempo acompanha todas as nossas experiências, garantindo unidade e identidade da consciência sem apelar para uma egologia de caráter externo, como propõe Edmund Husserl.

Acreditamos que a carência de pesquisas sobre Aron Gurwitsch interfere e prejudica a reconstrução de um cenário de discussão fenomenológica que engloba outros grandes nomes como Husserl e Merleau-Ponty. Um dos fatores que poderiam justificar a ausência do devido reconhecimento de Aron Gurwitsch, principalmente em território europeu, foi a escalada do nazismo. Gurwitsch foi um filósofo judeu oriundo da Lituânia, onde nasceu em 1901, mas que teve sua formação filosófica na Alemanha onde foi aluno de Husserl e Carl Stumpf. Na década de 1930, fugindo da ascendência do nazismo na Alemanha, permaneceu algum tempo na França, onde teve contato direto com Merleau-Ponty e, por fim, por conta da ocupação do território francês, acabou imigrando na década de 1940 para os Estados Unidos. Foi neste último país que Gurwitsch lecionou e formou uma série de alunos que incluem Lester Embree e Henry E. Allison e onde morou a maior parte de sua vida, até falecer em 1973 na Suíça, lugar ao qual viajava brevemente em função de um tratamento médico.

Na presente ocasião nosso foco principal será a tese de doutorado de Aron Gurwitsch *Fenomenologia do temático e do ego puro*, publicada em 1929. Na aludida obra, a partir de críticas a Husserl, Gurwitsch propõe novas formas de contextualizar a experiência. Numa delas, Gurwitsch afirma que além de um horizonte ou margem, há um campo que atua de forma material e não temporal, uma alternativa ao que até então

propunham Edmund Husserl e William James². Tal campo atua contextualizando e contribuindo para o sentido da experiência em termos fenomenológicos. Em outro momento, Gurwitsch apresenta sua versão de margem, essa sim, contemplando o aspecto temporal, mas regida por conexões internas, que ao acompanhar todas as nossas experiências as contextualiza de maneira singular.

Gurwitsch apresenta a sua fenomenologia como temática e por isso introduz a descrição de uma consciência composta por tema, campo e margem. Cada um desses itens corresponde a uma questão a ser debatida dentro do desenvolvimento da fenomenologia transcendental proposta por Edmund Husserl em *Ideias I* (1913). Na ocasião, Husserl, a partir de sua virada transcendental, ou seja, ao se voltar para a descrição das estruturas da consciência responsáveis pela constituição da experiência, é acusado de subjetivismo idealista. Na configuração proposta por Husserl, o fluxo da consciência, em última instância, remeter-se-ia a um “ego puro”, fazendo com que essa proposta ficasse conhecida como uma visão “egológica” da consciência. A ideia de um acento temático é a forma que Gurwitsch encontra para manter o aspecto transcendental numa proposta “não egológica” e, para isso, ele vai precisar explicitar as relações entre o tema e seus contextos.

A ideia de uma fenomenologia temática parte de uma das noções mais centrais da fenomenologia, a intencionalidade. Toda consciência é consciência de algo, esse algo é o tema de nossa experiência. Esse tema, no entanto, nunca é dado de forma isolada, mas sempre é acompanhado de contexto. É o contexto que dá sentido, identidade e unidade às nossas experiências. Porém, o que Gurwitsch nos mostra é que nem todo o contexto é igual. A margem e o campo possuem relações diferentes, porém complementares, com o tema e cada uma responde a um problema que o filósofo enfrenta: um a respeito da unidade e identidade da consciência e o outro que versa sobre o sentido de nossas experiências.

A intencionalidade também revela outra característica importante da fenomenologia: seu aspecto relacional. Há um polo subjetivo e outro objetivo que estão em constante relação e ambos possuem campo e margem como co-dados contextuais. É preciso ressaltar que em Gurwitsch, por uma influência direta da Teoria Gestalt, o

² *Princípios da Psicologia*, 1980.

subjetivo e o objetivo estão intrinsicamente ligados, não podendo haver mudança em um polo que não corresponda numa mudança equivalente no outro.

2 A IMPORTÂNCIA DO TEMA

O acento temático dado por Aron Gurwitsch precisa ser entendido como uma resposta a um problema exposto por Husserl em *Ideias I*. Quando ocorre a redução transcendental, ou seja, quando suspendemos os critérios objetivos da atitude natural entre parênteses numa atitude fenomenológica, perdemos o ponto de referência subjetivo e objetivo que até então estava sendo exercido implicitamente pelo ego empírico (Marbach, 1974). Neste sentido, após a redução, temos o cogito como contraparte subjetiva e o tema como contraparte objetiva que culmina na correlação pressuposta pela intencionalidade.

Os objetos nos são dados por meio de atos — isso pertence à intencionalidade como tal. Quando “vivemos em atos”, “somos absorvidos em sua performance”, somos direcionados de forma preeminente aos objetos que se apresentam por meio desses atos, e nos ocupamos com eles, experimentamos a consciência na forma de cogito³. (Gurwitsch, 2010, p. 235)

A questão destacada por Gurwitsch é que o cogito é “absorvido” pelo tema, de forma que não existe um “eu” percebendo “algo”, mas “algo” sendo percebido. Neste sentido, temos vários estados de consciência sendo percebidos por “ninguém”. E não apenas isso, o tema tem como principal característica a atualidade, ou seja, o tema é sempre dado no momento presente; o que resultaria em uma sucessão desconexa de “algo sendo percebido agora”. Seguindo essa lógica, teríamos em última instância vários estados de consciência sem referência ou contexto que pudessem garantir a sua unidade, o que implica ausência de identidade subjetiva.

É diante desse cenário que Husserl introduz o “ego puro”⁴ como elemento pertencente à estrutura transcendental da consciência, um resíduo subjetivo que resiste à redução e o responsável por direcionar os diferentes cogitos aos diferentes temas, ao

³ “Objects are given to us through acts—this belongs to intentionality as such. When we “live in acts,” “are absorbed in their performance,” are directed in a preeminent way to the objects which present themselves through these acts, and busy ourselves with them, we experience consciousness in the form of cogito”.

⁴ O ego puro não é uma inovação husserliana, mas algo já presente na filosofia do neokantiano Paul Natorp e fonte de discussão entre os dois filósofos desde *Investigações Lógicas*. Para mais informações ler Morujão (2008).

mesmo tempo que mantem como polo de referência de unidade e identidade a todos os estados de consciência. A questão, segundo Gurwitsch, é que apesar de o ego puro parecer dar a solução a esse problema, acaba desafiando metodologicamente a fenomenologia. Afinal, como poderia ser admitido um elemento que não pode ser encontrado, e por isso não pode ser descrito, na base estrutural de uma filosofia cujo método tem como uma de suas principais referências o caráter descritivo?

Desde Franz Brentano, em seu livro *Psicologia do Ponto de vista Empírico* (1874), a tematização acessada via intencionalidade pressupõe acesso intuitivo e descrição do ponto de vista estático. Husserl em *Investigações Lógicas* (1901) permanece no mesmo caminho e – apesar de no período entre a publicação de 1901 e 1913 o filósofo ter se dedicado à temporalidade – ele escolhe se abster de uma discussão mais profunda sobre o assunto em *Ideias I*. Gurwitsch segue os parâmetros husserlianos, ou seja, pretende abordar apenas à esfera do que é dado intuitivamente após a redução transcendental. Entretanto, é esta mesma restrição que motiva o questionamento de como algo como o ego puro – o qual Gurwitsch nega veementemente que possa ser acessado intuitivamente, e por isso não pode ser descrito – poderia atuar como a base e referência da experiência em terreno transcendental.

É necessário compreender que Aron Gurwitsch não ignora a temporalidade. Como veremos mais à frente, ele a contempla, assim como Husserl, em sua margem. Sendo assim, Gurwitsch acredita que, nesse caso, não há uma metodologia que sustente a existência deste elemento. Então ao invés de partir de um polo externo subjetivo, Gurwitsch propõe centralizar a experiência a partir do tema. Este tema, por sua vez, se apresentaria à consciência sempre contextualizado por seu campo temático e margem, o que garantiria o sentido, a unidade e identidade das nossas experiências.

2 O CAMPO COMO CONTEXTO

Aron Gurwitsch introduz a noção de campo temático na fenomenologia, o que garante caráter inovador à sua tese ao afirmar que a contextualização temporal, até agora a única abordada do ponto de vista da organização estrutural da consciência, não se firmava como razão suficiente para tal. Anteriormente, a única contextualização reconhecida era a que existia entre o tema (atual) e sua margem (inatural). Essa margem que no vocabulário da fenomenologia é muitas vezes também referida como sinônimo de

horizonte, situava-se numa dimensão de uma tematização passada ou tematização futura. O campo temático amplia essa discussão mostrando que há outras relações com o tema que são ignoradas por essa dinâmica. Conforme Gurwitsch (2010, p. 301), quando se trata do contexto experiencial (*Erlebnisumgebung*), “Husserl, contudo, não fez a distinção entre o campo temático e a margem.”⁵, a intenção de Gurwitsch é preencher essa lacuna na fenomenologia.

Como já mencionado, devido à intencionalidade, há uma correlação entre o aspecto objetivo e o subjetivo. Do ponto de vista da tematização, isso equivale ao tema e ao cogito respectivamente. Cada um destes irá apresentar um contexto como campo temático que necessariamente devem estar relacionados entre si e que irão intervir no sentido da experiência. Por exemplo, vamos agora supor a experiência de um banco sendo percebido. Aqui já podemos encontrar um primeiro obstáculo. De que tipo de banco estamos falando? Uma instituição financeira ou um móvel? Essa dúvida já demonstra que um elemento sem contexto é sempre difícil de descrever. Porém, como estamos nos restringindo ao aspecto perceptivo, vamos deixar o caráter semântico de lado e complementar a descrição com a forma adequada ao tipo de experiência que se dá “em pessoa”. Vamos supor um banco sendo percebido junto à mesa da cozinha. Novamente, se formos pensar sobre a nossa experiência fenomenal, o tema nunca se dá de forma isolada. O banco é sempre banco em algum lugar com alguma função.

Do ponto de vista objetivo, o banco percebido próximo a uma mesa em uma cozinha certamente não é percebido da mesma forma quando o vejo sendo utilizado como degrau para alcançar algum objeto em uma estante na sala. A identidade temática do banco não muda, mas o sentido da experiência sim. É por isso que Gurwitsch (2010, p. 224) esclarece que, “o próprio campo temático é um contexto de ‘objetos’ intrinsecamente relacionados como pertencentes materialmente”⁶.

O aspecto perceptivo e material do polo subjetivo da experiência, no entanto, não deve ser confundido com uma tentativa de submissão à espacialidade. A experiência descrita por Gurwitsch também ocorre em terreno transcendental. O tema corresponde ao noema, ou seja, é atemporal, aespacial e ideal. Contudo, isso não exclui a necessidade de contextualização. Assim como o banco estará sempre emergindo de um fundo – seja uma

⁵ “Husserl has, however, not made the distinction between the thematic field and the margin.”

⁶ “The thematic field itself is a context of ‘objects’ intrinsically related as materially belonging together”.

mesa ou uma estante –; Napoleão é sempre ou “vencedor da batalha de Jena” ou “perdedor da batalha de Waterloo”. Tanto o tema banco quanto o tema Napoleão são contextualizados a partir de seus campos temáticos sem arriscar suas identidades, ainda que se apresentem com sentidos distintos.

É possível ver claramente a influência da Gestalt no pensamento de Gurwitsch. Nesse caso, há referência direta a Edgar Rubin e seus estudos sobre a relação figura-fundo, que depois são associados e integrados à Gestalt por Kurt Koffka, em 1921 (Pind, 2014). Rubin, a partir do seu famoso Vaso de Rubin, argumenta que no campo visual aberto à percepção não há estímulos objetivos constantes que levem a sentidos unívocos. Se assim fosse, seria impossível que o mesmo conjunto de dados sensíveis originasse duas figuras com sentidos diferentes: dois rostos ou um vaso. O Vaso de Rubin demonstra que a relação da figura com seu fundo pode variar o sentido da experiência. Gurwitsch (2010, p. 225) acredita que a relação entre tema e campo temático pode ser tomada como equivalente à proposta de Rubin: “Podemos generalizar os termos ‘figura’ e ‘fundo’ para além do âmbito visual em que surgiram e identificá-los com os conceitos de tema e campo temático”⁷. O campo temático circunda e contorna o tema dando a ele o sentido que seja apropriado aquele contexto.

Entretanto, por que o conceito de horizonte não é suficiente para essa contextualização? Porque ele pretende abarcar todos os tipos de inaturalidade. Aron Gurwitsch reconhece que outros elementos são dados (2010, p. 221), “[...] também tenho alguma consciência do que está nas minhas costas, está na minha casa, no jardim, na rua, na cidade em que estou, na hora do dia e assim por diante. Surgem memórias, expectativas, desejos”⁸. O fenomenólogo, no entanto, não acredita que essa enorme quantidade e variedade de tudo o que se apresenta a mim e surge em mim na forma de horizonte possa ser equivalente ao aspecto contextual que se dá no campo temático.

O que Gurwitsch nos mostra sobre a ideia de horizonte como inaturalidade, já consagrada na fenomenologia, é que ela peca por sua amplitude. Por exemplo, quando voltamos ao caso do banco, o que está ao redor dele, como a mesa, não pode ter a mesma conexão com o tema do que a fachada de uma casa que tenho acesso pela janela da

⁷ “We can generalize the terms ‘figure’ and ‘ground’ beyond the visual realm in which they arose and identify them with the concepts of theme and thematic field”.

⁸ “I also have some awareness of what lies behind my back, is in my house, in the garden, in the street, in the city in which I am, of the time of day, and the like. Memories, expectations, wishes arise”.

cozinha. Um contexto muito abrangente perde seu caráter funcional de referência. Daí a importância da aproximação entre campo temático e contextualização. Segundo Gurwitsch (2010, p. 224), “[...] o próprio campo temático é um contexto de ‘objetos’ intrinsecamente relacionados como pertencentes materialmente”⁹.

Da mesma forma, o aspecto subjetivo também possui um campo temático: a atitude (*Einstellung*). Ter um campo temático como contexto subjetivo significa que assim como algo sempre me é dado em um contexto, eu também sempre percebo esse algo a partir do contexto da minha experiência e, por isso, tomo certa atitude diante dela. Luft (1998 p. 18) explica que, para Husserl,

Todas as coisas que me são dadas, ou com as quais estou sintonizado, tenho uma certa atitude, que não é uma atitude em relação a uma única coisa, mas em relação a todo um horizonte de coisas possíveis. Aquilo que vejo nesta atitude é temático, mas a própria atitude permanecerá na maior parte não temática.

A grande diferença de Gurwitsch é o reconhecimento do campo temático como uma espécie de estrato intermediário entre tema e horizonte. Gurwitsch percebe que há uma inatualidade temática que é fundamental na forma como nos voltamos às nossas experiências. O autor nos alerta:

Não devemos nos deixar enganar pelo hábito de falar, por exemplo, da ‘atitude matemática’, como se houvesse um campo temático que pudesse ser co-dado a todo teorema matemático e, portanto, fosse independente e separável em relação a qualquer teorema especial. Considerando o campo temático *concreto* que pertence a um teorema *concreto* como tema, vemos quão intimamente ele está ligado a ele e como ele se sustenta e cai com ele. Em *concreto* não há nenhuma ‘atitude matemática’ geral *simplesmente*; o horizonte pertencente a um teorema é tão diferente do horizonte de outro teorema quanto os dois teoremas são um do outro. Só o que é dado concretamente é decisivo, e a isso devemos sempre voltar. O que queremos dizer com ‘atitude matemática’ em um caso concreto muda de caso para caso de acordo com o caso¹⁰. (Gurwitsch, 2010, p. 232)

Vamos voltar ao exemplo do banco: não existe uma atitude geral sobre bancos. A minha atitude em relação ao banco quando este se apresenta próximo à mesa na cozinha

⁹ “The thematic field itself is a context of ‘objects’ intrinsically related as materially belonging together”.

¹⁰ We must not allow ourselves to be misled by the habit of speaking, e.g., of the ‘mathematical attitude’, as though there were a thematic field which could be cogiven to every mathematical theorem and hence, would be independent and separable with regard to any special one. Considering the *concrete* thematic field which belongs to a *concrete* theorem as theme, we see how intimately it is connected with it and how it stands and falls with it. In *concreto* there is no general ‘*mathematical attitude*’ *simpliciter* at all; the horizon pertaining to one theorem is as different from the horizon of another theorem as both theorems are from one another. Only what is concretely given is decisive, and to this we must always return. What we mean by ‘mathematical attitude’ in a concrete case changes from case to case according to the case.

certamente é diferente da minha atitude quando eu o uso para alcançar uma prateleira alta em minha sala. O sentido em que eu tematizo o banco muda para mim simultaneamente ao seu aparecer como um degrau que me permite acessar a prateleira que preciso. Ou seja, sua aparência e seu sentido se transformam ao mesmo tempo que minha atitude em relação a ele muda. Arvidson (1997, p. 135) explica que “para Gurwitsch, uma mudança de atitude é uma mudança de campo temático, e uma mudança de campo temático é uma mudança de atitude”.¹¹

Não há uma primazia de sentido entre os polos objetivo e subjetivo. Há uma correlação simultânea entre a relação do banco como tema e seu campo temático objetivo material, como a mesa ou a estante, e o seu campo temático subjetivo, que é a minha atitude em relação a ele. Na tentativa de traduzir matematicamente a experiência fenomenológica e utilizando como base a Teoria *Gestalt*, Gurwitsch nos oferece a seguinte fórmula: $P = F(xe, xi)$. Nesta fórmula, a percepção (P) é tida como a resultante de duas variáveis, onde (xe) representa as condições externas e (xi) as condições internas, o que significa que há uma implicação funcional mútua entre as variáveis externas e internas que irão configurar a percepção como experiência na sua totalidade. Por esse motivo, qualquer mudança externa precisa ser acompanhada de mudança interna. Em suma, o campo temático como contexto abrange a totalidade da experiência.

3 A MARGEM COMO CONTEXTO

Uma segunda forma de contextualização defendida por Aron Gurwitsch é a operada pela margem. Porém, sua atuação é distinta a do campo temático, a margem não influencia diretamente o sentido do tema. Na tese de 1929, há dois domínios nos quais a margem se expressa. O primeiro é o mundo como contexto natural: Gurwitsch (2010, p, 296) explica que “[...] é através da consciência marginal que estou ciente do ‘mundo natural’ que está continuamente ‘lá’ para mim, não importa com o que eu esteja lidando, e que ‘continuamente circunda o campo perceptivo atual’.”¹². Já o segundo se dá via temporalidade, mas não qualquer temporalidade, trata-se da temporalidade

¹¹ “For Gurwitsch, a change in attitude is a change in thematic field, and a change in thematic field is a change in attitude”.

¹² “[...] it is through marginal consciousness that I am aware of the ‘natural world’ which is continually ‘there’ for me, whatever I might be dealing with, and which ‘continuously surrounds the actual perceptual field’”.

fenomenológica que pode ser descrita como o fluxo contínuo de nossos estados de consciência organizados sucessivamente. Deste modo, cada estado de consciência é sempre contextualizado por uma margem única que acompanha todas as nossas tematizações sem interferir no sentido de nenhuma delas.

No §81 de Ideias I, Husserl afirma haver três tipos de temporalidade: o tempo objetivo que se dá na atitude natural; o tempo fenomenológico, caracterizado como o fluxo da consciência de um “eu puro”, alcançado via redução e operando na esfera transcendental, o qual temporaliza os objetos por ele apreendidos por meio de atos da consciência; e a consciência-tempo, como constituinte de si mesma se revelando como a fonte primordial e o verdadeiro absoluto de onde deriva toda a temporalidade. Entretanto, Husserl (2014, p. 156) afirma que deixará os enigmas que cercam essa última temporalidade “[...] fora de jogo em nossas análises preparatórias sem comprometer seu rigor”¹³. O filósofo se aprofundará nesta temática específica na obra *Das Lições para uma Consciência Interna do Tempo*.

Dado os parâmetros estabelecidos por Husserl, a descrição de Ideias I permanece restrita ao tempo fenomenológico, ou seja, à dimensão os atos conscientes já temporalizados e à esfera transcendental. Na ocasião, o filósofo delimita como característica essencial da temporalidade a universalidade da experiência que necessariamente combina uma experiência a outra.

Toda experiência atual é necessariamente uma que dura (nós alcançamos a evidência para isso com base na clara Intuição da atualidade de uma experiência), e com essa duração ela é integrada em um continuum infinito de durações - um continuum repleto [*eifullt*]. Ela necessariamente tem um horizonte-de-tempo, infinitamente repleto em todos os lados¹⁴. (Husserl, 2014, §81, p. 164)

A partir desta citação, podemos chegar a duas informações sobre a experiência organizada pela temporalidade. A primeira é que temos acesso intuitivo à experiência por conta de seu caráter atual e a segunda é que essa atualidade é integrada num fluxo de experiências que corresponde ao horizonte de temporalidade. Até este ponto há uma concordância de Aron Gurwitsch com a fenomenologia husserliana: a atualidade da

¹³ “out of play in our preparatory analyses without imperiling their rigor”.

¹⁴ “Every actual experience is necessarily one that lasts (we attain the evidence for this on the basis of the clear Intuition of the actuality of an experience), and with this duration it is integrated in an endless continuum of durations—a repleto [*eifullt*] continuum. It necessarily has a horizon-of-time, infinitely repleto on all sides”.

tematização e o fluxo de experiência que caracteriza a margem. O problema começa quando Husserl conecta necessariamente a integração dessas experiências no tempo fenomenológico ao ego puro, elemento que o próprio filósofo alemão afirma não poder ser descrito. Ainda que Husserl (2014, §81, p. 164) argumente que o ego puro não é “uma possibilidade lógica vazia”¹⁵, é exatamente assim que Gurwitsch o compreende, visto que o filósofo lituano afirma não encontrar evidências que sustentem a tese husserliana.

No decorrer de nossas análises, não descobrimos a relação com o ego na forma de uma característica descritiva inerente aos estados mentais. Esses últimos não são experienciados, como quer a teoria que criticamos, como emanção do ego, como atividades do ego e coisas do gênero. Portanto, o alicerce sobre o qual essa teoria se apoia parece estar sendo minado¹⁶. (Gurwitsch, 2010, p. 308)

Mas o que essa discussão tem a ver com a margem como contextualização temporal? Voltemos ao debate iniciado quando abordamos a importância do tema. Se não há ego puro que mobilize e centralize meus estados de consciência os integrando no horizonte temporal, não tenho como atestar a unidade do fluxo das experiências e nem que estas respectivas experiências pertencem a mim e não a outra subjetividade. Segundo Gurwitsch, a margem da minha consciência na qual constam todas as minhas experiências passadas faz com que cada nova experiência atual pertença de maneira única a um contexto marcado pelo ato passado e à possibilidade de ato futuro. Um posicionamento que nada mais é que uma volta à coerência da consciência como o fluxo interno dela, defendida por Husserl em *Investigações Lógicas* e que Gurwitsch pretende retomar.

A esse respeito, retornamos à posição inicial de Husserl em contraste com sua posição posterior, especialmente como seu pensamento se desenvolveu mais tarde em *Ideen*. Suas polêmicas, na primeira edição das *Logische Untersuchungen*, contra Natorp e o Ego kantiano da “apercepção pura” parecem convincentes para nós porque correspondem mais adequadamente às descobertas fenomenológicas do que as descrições em *Ideen* onde cada ato é apresentado como um ato do ego e cada peculiaridade do ato como a maneira peculiar na qual o ego é ativo em suas performances vivas¹⁷. (Gurwitsch, 2010, p. 238)

¹⁵ “an empty, logical possibility”

¹⁶ “In the course of our analyses we did not discover the relatedness to the ego in the form of a descriptive feature inherent in the mental states. The latter are not experienced, as the theory we criticize would have it, as emanating from the ego, as activities of the ego and the like. Hence, the foundation on which that theory rests seems to be undermined”.

¹⁷ “In this respect, we revert to Husserl’s initial position in contrast to his later one, especially as his thought later developed in the *Ideen*. His polemics, in the first edition of the *Logische Untersuchungen*, against Natorp and the Kantian Ego of the “pure apperception” appear convincing to us because they correspond more adequately to the phenomenological findings than do the descriptions in the *Ideen* where each act is

Essa posição, no entanto, Husserl é impedido de manter por conta da redução transcendental e de suas consequências, como a suspensão do ego empírico. O que Gurwitsch irá propor com sua fenomenologia temática é recuperar esse posicionamento e sustentá-lo com base na contextualização da margem.

O tema e seu caráter atual garantem a contínua atualização de um fluxo de consciência que o acompanha e o contextualiza. O caráter sucessivo e contínuo deste fluxo é o que garante a unidade da nossa consciência, pois não há uma tematização que não esteja inserida numa margem. Ao mesmo tempo, como esta margem não interfere no sentido do tema, ela pode acompanhar qualquer tematização de maneira neutra. Essa independência de sentido do tema atual é complementada pela conexão interna entre os estados de consciência que fazem parte desta margem. O importante é que essa contextualização faz com que nunca haja estados mentais desconexos e soltos em minha consciência, necessitando de um elemento externo como o ego puro organizá-los e integrá-los. Gurwitsch quando se refere à margem explica que “Esta cadeia é a concatenação de todos os estados mentais pertencentes a uma consciência; nada mais é do que um contexto completo no qual cada estado mental está relacionado a todos os outros¹⁸.” Dito de forma mais simples, é impossível nós pensarmos exatamente a mesma coisa duas vezes, porque na segunda vez a margem já estará atualizada com o primeiro pensamento.

Sendo assim, a identidade do fluxo da consciência também não é alcançada pela possibilidade de síntese de identificação por um ego puro através do tempo, ela é alcançada pelo caráter relacional intrínseco que existe entre todos os estados mentais que compõem o fluxo. A identidade da consciência ainda é contemplada, porque o fluxo dos nossos estados de consciência necessariamente acompanha cada uma das nossas tematizações. Mas é o contexto da consciência que faz com que os estados mentais que fazem parte desse fluxo sejam sempre meus estados mentais. A contextualização é necessariamente fornecida pela consciência marginal.

Dado que a inserção de todos os estados mentais no contexto da consciência é necessária – expressando mais corretamente, é

presented as an act of the ego and each act-peculiarity as the peculiar way in which the ego is active in his living performances”.

¹⁸ “This chain is the concatenation of all mental states belonging to one consciousness; it is nothing other than a thoroughgoing context in which every mental state is related to every other one”.

necessariamente sempre possível – o índice ‘meu’ também pertence necessariamente a todos os estados mentais¹⁹. (Gurwitsch, 2010, p. 310).

A partir da margem como contextualização, Gurwitsch contempla a universalidade e necessidade da temporalidade, fator presente e essencial na consciência transcendental sem precisar utilizar um ego externo à essa margem. Nesse sentido, Aron Gurwitsch acredita manter uma das características mais fundamentais do método fenomenológica: a possibilidade de descrição.

CONCLUSÃO

Aron Gurwitsch foi um fenomenólogo que não só acompanhou as discussões acerca do desenvolvimento da fenomenologia, mas também que contribuiu de maneira significativa para o debate. É verdade que a experiência fenomenológica já havia sido descrita como contextualizada e situada num horizonte de tempo e sentido. Porém, Gurwitsch dá um passo à frente e pontua que o conceito de horizonte é insuficiente para os diversos tipos de contexto que se apresentam em nossa experiência.

Primeiro o filósofo introduz a noção de campo temático – uma inovação, advinda da Teoria Gestalt, que atua como contexto intermediário e anterior ao horizonte. O campo temático, que tem como momento objetivo a relação de relevância material dos outros objetos dados juntamente com o tema, é complementado pelo momento subjetivo, nossa atitude em relação ao mesmo tema. Ainda que estejamos sempre inseridos num amplo horizonte, é o campo que opera como contexto direto na constituição de sentido de nossas experiências.

Depois, com o conceito de margem, Gurwitsch contempla o horizonte em sua dupla manifestação, o mundo natural que “sempre está lá para mim” e a temporalidade, a qual atua como o fluxo de meus estados de consciência, e necessariamente acompanha todas as minhas tematizações. Entretanto, a consciência marginal de Gurwitsch faz mais do que apenas contemplar a noção de horizonte, ela se apresenta como uma alternativa “não egológica” da consciência que vai de encontro à visão “egológica” de Edmund Husserl que coloca o ego puro como polo centralizador e organizador do fluxo da

¹⁹ “This means nothing else than that if a mental state does not pertain to one context of consciousness, it must necessarily belong to a different one. Because the insertion of all mental states into the context of consciousness is necessary—more correctly expressed, is by necessity always possible—the index “mine” also necessarily pertains to all mental states”.

consciência. A contextualização, operada pela margem, permite que tanto a unidade quanto a identidade dos meus estados de consciência sejam um desdobramento necessário das relações internas entre um estado e outro. Portanto, a margem como contexto dispensa qualquer tipo de necessidade egológica externa ao fluxo da consciência.

O que consta nestas páginas é obviamente uma parte restrita do debate. Focamos principalmente na discussão que Aron Gurwitsch propõe entre Ideias I (1913) e Fenomenologia do Temático e do ego puro (1929). Há outras obras dos dois autores que complementam o posicionamento de cada um deles a respeito deste assunto. O intuito do presente artigo, no entanto, é testemunhar e ressaltar a existência dessa discussão e explicitar o papel relevante de Aron Gurwitsch em discussões que atravessam a história da fenomenologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arvidson, Sven. *The Sphere of Attention: Context and Margin*. Springer: Dordrecht, 2006.
- Brentano, Franz. *Psychology from an Empirical Standpoint*. Translated by McAlister, L.L., Rancurello, A. Terrell, D.B. 2. ed. London: Routledge, 1995.
- Morução, Carlos. A recepção das "Investigações lógicas" por Paul Natorp. Em: *Phainomenon*, (16-17), 55-80, 2008.
- Gurwitsch, Aron. Phenomenology of Thematics and of the Pure Ego: Studies of the Relation Between Gestalt Theory and Phenomenology. In: KERSTEN, F. (ed.). *The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901-1973) II: Studies in Phenomenology and Psychology*. Dordrecht: Springer, p. 193-317, 2010.
- Husserl, Edmund. *Ideas for a Pure Phenomenology and Phenomenological Philosophy: First Book: General Introduction to Pure Phenomenology*. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 2014.
- James, William. *The principles of psychology*. Vol. 1. Henry Holt and Co, 1890.
- Luft, Sebastian. Husserl's phenomenological discovery of the natural attitude. Em: *Continental Philosophy*, Review 31 (2):153-170. (1998)
- Marbach, Eduard. *Das Problem des Ich in der Phänomenologie Husserls*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1974.
- Pind, Jörgen. *History and philosophy of psychology. Edgar Rubin and psychology in Denmark: Figure and ground*. Springer International Publishing, 2014.

Recebido em: 01/12/2024 | Aprovado em: 22/06/2025